se plantar 45 e 56% da área, para um desempenho considerado normal de mais de 90% nessa época. No cômputo geral, porém, a situação é semelhante à ocorrida no mesmo período de 1995 (haviam sido plantados 73% da área e, agora, são 72%).

Até a divulgação do relatório (12 de junho), as opiniões dos analistas norte-americanos eram majoritariamente contrárias à visão de cessão de áreas para soja. Parece ter pesado, entre os agricultores, o raciocínio de que o risco do clima quente, em meados do verão do hemisfério norte, era muito elevado, podendo afetar de maneira negativa a fertilidade do solo e a polinização das plantações. Poderiam ser adotados híbridos de ciclo curto, ou a troca pela própria soja ou pelo sorgo. Apontou-se, também contra a opção pela soja, o fato de muitos produtores terem estocado fertilizantes nitrogenados impróprios para a leguminosa.

O sorgo também se beneficiou, em termos de área, com a ocupação de terras cedidas pelo trigo, igualmente por problemas climáticos.

No Brasil, segundo o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura do Paraná, é possível que se esteja delineando um quadro bem diferente para o plantio da próxima safra de verão, pois produtores rurais têm manifestado maior interesse em expandir o cultivo do milho, em detrimento da soja. Atualmente, as cotações internas têm-se retraído, apresentando, em Ponta Grossa, diminuição de R$1,00/saca de 60kg no período de um mês. De fato, a cotação da soja naquela região, em 17 de junho, foi de R$13,09/60kg, tendo sido já comercializados 75% da safra.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

TRIGO

Influência do clima

As cotações internacionais cederam, em função de relatórios favoráveis sobre o clima nos EUA e da diminuição do movimento das exportações norte-americanas; mas a tendência predominante continua altista, e se fará presente a qualquer pressão da demanda, pois a relação mundial estoques/consumo permanece apertada.

A estimativa da Conab de que a safra de inverno deste ano, que engloba trigo, aveia, cevada, centeio, triticale e feijão irrigado, totalizaria 3,3 milhões de toneladas, dos quais 2,6 milhões de trigo, começa a ficar prejudicada. Pelo menos no que diz respeito justamente à principal lavoura da época. A situação do plantio gaúcho, até meados de junho, por exemplo, continuava muito incerta. Permanecia a seca que assola amplas regiões do estado há semanas, caracterizando um período de outono/inverno atípico, quente e sem chuvas.

A Fecotrigo acredita que, dos 3 milhões de hectares que os agricultores gaúchos poderiam dedicar às safras de inverno, aproximadamente 2 milhões ficarão ocupados com pastagens. Fora o trigo, que tem sua área estimada pela entidade ao redor de 600 mil hectares, sobrarão 400 mil hectares a cobrir, principalmente com centeio, triticale e canola (colza). A Emater-RS estima a área da triticultura entre 550 mil e 600 mil hectares, e o IBGE estima 499 mil hectares.

Além do atraso, iniciaram-se ataques de pulgões contra as primeiras plantações e, segundo o CNP-Trigo, da Embrapa de Passo Fundo, apenas no início de julho seria possível ter melhor definição quanto à safra. Um outro problema a ser considerado é a grande quantidade de sementes vendida ao Paraná, desfalcando a oferta interna gaúcha.

No Paraná, a situação é bem diferente, pois realmente está aumentando o cultivo. Faltam sementes, apesar de ter havido a importação do Rio Grande do Sul. De acordo com o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura, o estado, caso houvesse maior disponibilidade de sementes, poderia estar plantando algo em torno de 1,3 milhão de hectares. No entanto, com esse fator limitante, espera-se que a área cultivada alcance 970 mil hectares, dos quais já estavam plantados 82% até o dia 10 de junho. A produção paranaense vem sendo estimada entre 1,76 milhão e 1,97 milhão de toneladas. No norte do estado, a área foi totalmente semeada, havendo atraso no oeste (cultivados 80% da área). O centro-sul paranaense, que dedica menor espaço à triticultura, só plantou, até a última semana de junho, pouco mais de 30% da extensão esperada.

A lavoura de inverno mais associada ao trigo, o triticale, tem estimativa de plantio de 48 mil hectares, dos quais cerca de 58% foram semeados até 10 de junho.

O mercado interno do trigo tem registrado preços nominais de até R$300/t, mas não há produto para ser comercializado. A safra nova vem sendo cotada entre R$230 e R$240/t para o último trimestre do ano. Nas últimas semanas, tem-se verificado estabilidade nos preços internos e, no exterior, ocorreram quedas, em função dos relatórios do Departamento de Agricultura dos EUA.

Houve, em maio, intensa liquidação de posições em Chicago, à medida que se divulgavam informações de clima favorável ao encerramento do plantio

de primavera e de chuvas nas planícies do sul dos EUA. Estas podem ter garantido rendimentos físicos médios melhores do que o esperado até então. Simultaneamente à melhoria do clima, houve recuo na demanda global, expresso em menores registros de exportações durante algumas semanas. Apenas no final de maio houve recuperação das vendas norte-americanas ao exterior, com anúncio de compra de 100 mil toneladas pelas Filipinas, seguida de aquisições menores por parte de Formosa, Líbano e Argélia. Com a Europa fora do mercado exportador e seca na Austrália, as cotações pararam de recuar. O mercado, agora, considera um bom suporte o fato de o Iraque vir a completar suas exportações de petróleo, o que o trará às bolsas, para comprar trigo em grão, farinha e açúcar.

A relação estoques/consumo mundial continua apertada, levando à permanência de um pano de fundo altista, que ressurge tão logo haja manifestações de maior força da demanda.

Aliás, ante a primeira estimativa da safra mundial de 1996/97, publicada na seção Panorama Internacional, do número de junho de *Agroanalysis*, a nova projeção do USDA, contida no relatório de 12 de junho, é um pouco menor. Em maio, projetaram-se 578,54 milhões de toneladas, que passaram a 578,2 milhões. Mesmo assim, tem-se um incremento de 7,8% na produção mundial, ditado pela alta das cotações em Chicago. O estoque final também diminuiu, de um mês para o outro, de 114,76 milhões para 114,28 milhões de toneladas.

Nos principais países produtores, espera-se recuperação na produção. Na Austrália, devem-se colher 8,3% mais do que em 1995/96, atingindo-se 18 milhões de toneladas. A Argentina, principal fornecedor brasileiro, deverá produzir 13 milhões de toneladas, contra os 8,6 milhões do ano anterior. O Canadá produzirá 28 milhões de toneladas, com acréscimo de 10,1% sobre a safra precedente.

Destaque-se que, até o mês de maio, os argentinos venderam ao Brasil 2,8 milhões de toneladas de trigo. Seus preços estão oscilando entre R$190 e R$193 para o primeiro trimestre de 1997.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

Mundo: relação estoque/consumo
1960/61 a 1994/95 — em mil t

Ano	Consumo	Estoque	%	Ano	Consumo	Estoque	%
1960/61	230,9	82,9	36	1978/79	413,3	134,8	33
1961/62	233,1	69,9	30	1979/80	432,0	121,2	28
1962/63	240,8	75,9	32	1980/81	444,0	113,9	26
1963/64	235,9	70,4	30	1981/82	445,2	113,7	26
1964/65	256,8	78,5	31	1982/83	455,6	131,1	29
1965/66	277,1	60,7	22	1983/84	468,8	146,6	31
1966/67	273,8	87,6	32	1984/85	489,4	166,2	34
1967/68	281,9	97,7	35	1985/86	490,4	170,6	35
1968/69	300,1	121,3	40	1986/87	515,7	179,1	35
1969/70	321,8	103,5	32	1987/88	523,3	149,8	29
1970/71	329,5	80,5	24	1988/89	524,3	120,5	23
1971/72	335,4	89,2	27	1989/90	532,2	121,0	23
1972/73	351,8	74,9	21	1990/91	563,4	146,2	26
1973/74	358,3	82,7	23	1991/92	558,5	130,3	23
1974/75	356,6	81,4	23	1992/93	543,6	148,1	27
1975/76	347,3	86,7	25	1993/94	564,4	142,5	25
1976/77	373,8	127,3	34	1994/95	551,6	118,2	21
1977/78	396,0	109,2	28				

Fonte: USDA.